

## O PATUÁ

*Ao meu padrinho  
Cel. Antônio Leal de Miranda*

*Le prêtre remit à la jeune fille un petit sac de cuir qui semblait renfermer une chose d'un grand prix et qu'elle serra soigneusement dans sa ceinture.*

PIERRE LOTI: *Le Roman d'un Spahi.*

“ARMAZÉM DE PANCADAS” chamavam na vila do Riachão ao caboclo Chico de Paula, o brocador de roçado mais forçado daquelas cercanias e a criatura mais mofina que Deus até então pusera em ribeira sertaneja. Também não havia quem dele fizesse conta. Até meninotes de buço a repontar indeciso, nos dias alegres das coivaras e das farinhadas, davam-lhe cachações e murros pelo menor motivo, gozando a inércia covarde do roceiro musculoso, cujos braços encordoados que nem ramos de anoso jatobá eram capazes de matar um de arrocho. Todo o mundo já tinha batido no largo costado do Chico de Paula. Por dá cá aquela palha, ali se exercitavam socos, e detrás da Sé, uma noite de furdunço na vila, a Joana do beco da Casa da Câmara, por lhe haver ele feito um convite pouco sério, foi-lhe às ventas, esborrachando-as.

Muita vez o Damião da venda, encapetado e ladino, dizia com o seu irônico sorriso aos frequentadores da sua casa que um dia o Chico havia de cansar e, zangando-se deveras, meteria uma faca no bucho dum atrevido ou espatifaria a porradas de jucá o crânio dum insolente.

O Major Moura, delegado de polícia, ria, incrédulo, coçando o queixo, onde se enroscavam fiapos grossos de barba rala, denunciando mestiçagem velha, já se abrandando à grande quantidade de sangue branco de avós mais próximos. Depois, arrastando a voz, afirmava:

— Se aquele mofino tiver um arranco desses, eu nem o mando prender. Dito e feito!

Outros apostavam dinheiro. O intendente e o coletor travavam-se em suposições contrárias. E o João Santa Fé, valentão afamado, cangaceiro do Coronel Inácio, o chefe político do Riachão, parceiro de bisca do delegado, falava, movendo os olhos estrábicos, com laivos de sangue e uma nuança ligeira de b́ilis:

— Qual o que, seu Damião. O diabo do caboclo safado até apanhou duma mulher!

Num dia quente de verão, quando todo o poviléu da vila andava na labuta rude do campo ou na mesquinha movimentação do seu comércio, o “armazém de pancadas” surgiu na venda deserta do Damião. Estava sem ter o que fazer no roçado limpo à espera de chuvas e dera-lhe vontade de matar o bicho.<sup>23</sup>

Pediu cachaça. O Damião serviu-a. Mas derreando-se por sobre o balcão gorduroso e enodado, a mirar os braços cabeludos e a endireitar o arregação das mangas, exprobrou o caboclo por sua mo-finice, que o fazia arrastar vida abjeta e triste, tornando-o a tábua de bater roupa da rapaziada bem disposta do Riachão.

Desconsolado, a encolher os ombros como para se aliviar do peso daquela fatalidade, o sertanejo queixou-se:

— Eu não tenho jeito pra brigar, seu Damião!

Apontou-lhe a transparência duma lágrima ao canto avermelhado dos olhos castanhos.

O Damião teve pena. De novo andou-lhe pelos lábios um franzir de ironia. Ora, ele precisava rir um pouco à custa da gente da vila. Melhorar a sorte daquele covarde, satisfazia-lhe a piedade e os desejos de mofar da prosápia e da pretensão de muitos. Profundamente conhecia os seus patrícios, sabia da sua credulidade, do seu fanatismo e do que eram capazes. Seu espírito tinha predisposições naturais que o adiantavam aos daqueles pobres habitantes do Riachão. Risonho, disse ao caboclo esperançado:

— Passe amanhã a esta hora por aqui que eu lhe dou um patuá, uma reza forte que não há homem mofino com ela ao pescoço. O defunto meu avô recebeu essa oração das mãos de Frei Serafim, quando esse santo homem andava no sertão em santas missões. Na guerra do Lopez, meu tio andou com ele ao pescoço e foi quem o livrou das balas dos paraguaios, que eram teméros<sup>24</sup> na pontaria. Passe amanhã por aqui, homem de Deus! E guarde segredo, ouviu?

O Chico de Paula não teve dúvidas. A sua alma crente repousou nas palavras do Damião, o qual segundo todos diziam era um homem sabido. Foi para casa num contentamento tão grande que não pôde dormir. Levou a noite toda a se remexer na rede qual preá inquieto caído no fojo. Se uma leve modorra baixava-lhe as pálpebras, logo lhe vinham sonhos. Via-se em sambas animados, acabando a festa a molinetes de maçaranduba, numa defesa herói-

---

<sup>23</sup> A expressão ainda é muito em voga no nordeste e significa beber bebida forte, geralmente aguardente; *sangrar o galo*.

<sup>24</sup> Corruptela popular da palavra *temerário*.

ca ao ataque de muitos ou arremetendo na ofensiva delirante, a expulsar a negrada da sala da folgança. Ora, estava armado até os dentes, rodeado de cangaceiros, de Cariús ou de Capixabas,<sup>25</sup> à espreita, na várzea, de um bando inimigo. Eram ainda farrapos da guerra dos Montes e Feitosas que ele cavalheirescamente continuava em sonhos, ajudado de reminiscências do que ouvira contar pela gente velha.

Acordava. Sentia-se fatigado dos esforços da luta. Readormecia. Novas visões lhe povoavam a mente. Eram sempre lutas, combates, duelos com inimigos intratáveis, à faca, nas campinas solitárias... E ele sempre vitorioso e indene pela força misteriosa do amuleto.

Enfim ia ser feliz, pensava. Poderia agora desferrar-se daquela canalha que o humilhava desapiedadamente. Eles haviam de ver a transformação. O Damião era homem sério, de palavra, se dava aquele caborje é porque ele tinha verdadeiro valor.

Quando o Damião abriu às seis horas da manhã as portas da venda, já o Chico estava de pé, encostado à ombreira.

— Bom dia, seu Damião.

— Bom dia, Chico. Entre.

O vendeiro fê-lo esperar mais ou menos hora e meia, desempoeirando garrafas, dando uma arrumação às prateleiras, ajeitando as rumas de queijos da terra. Depois, foi lá dentro, trouxe um saquinho de chita vermelha de ramagens, bem costurado nos bordos, pendurado às pontas dum cordão grosso de fio franco mal trançado.

— Deixa ver o pescoço, Chico.

O Chico abriu a blusa, estendeu o cangote para diante. O Damião, passou-lhe o cordão ao pescoço, deixando cair o patuá sobre os pêlos fortes do peito, compungido e sério.

— Vá com Deus, homem! E não abuse nunca da força que leva no corpo.

O caboclo agradeceu e saiu pela rua a fora, quase a saltar de contente. Tinha ímpetos de dar pinotes e de desafiar todo o mundo. Resmungava:

— Agora! Agora é que vamos ver Deus Nosso Senhor por quem é!

Vinham-lhe novos desejos de luta. Mas não avistava um homem. Só apareciam às portas mulheres e meninos. Se ao menos surgisse

---

<sup>25</sup> Famílias de mestiços que acompanhavam às guerras sertanejas as duas importantes famílias brancas dos Montes e Feitosas, que durante anos pelejaram no sertão (*Nota do Autor*).

por ali a Joana do Beco! Que deliciosa vingança! Logo, porém, o seu curto raciocínio intervinha:

— Não, ela não! Um homem valente não dá numa mulher. Isto se deixa para os mofinos.

Por uma felicidade apontou numa esquina um vulto de homem. Trazia na mão um longo cajado de canela de veado cor de fogo. O Chico aproximou-se dele. Nem o olhou. Deu-lhe um encontrão e passou celeremente. Era a primeira experiência da reza forte. O ofendido nada fez. Parou um instante e prosseguiu o seu caminho de cabeça baixa.

Era um cego. Tateava com a vara os bordos irregulares das arrieiras fundas e ia andando, a murmurar:

— Diabo! Parece mais cego do que eu. Quase me derruba.

O caboclo que nem o olhara, não sentindo a menor reação em palavra ou gesto, mais cheio de entusiasmo continuou. O caborje provava bem. Dera um encontrão num tipo armado de cacete e ele nada fizera.

Em frente à igreja viu-se cara a cara com o Santa Fé. O cangaço riu diante da sua cara alegre e atirou-lhe chufas:

— Quando é que crias juízo, armazém de pancadas, tábua de bater roupa?

O roceiro parou, apalpou a faca no cinto e retrucou:

— Quando a sua mãe criar, burro sem rabo, cão tihoso, quartau<sup>26</sup> de mulher viúva!

Meio atônito ante tão inesperada resposta do covardão, Santa Fé avançou para ele, cacete erguido:

— Eu não te mato, não, lazarento, mas mô-te de pancadas. Deixo-te estirado!

Calmo, faca nua empunhada, a alma cheia de heroísmo que lhe transmitia a oração, o adversário somente respondeu:

— Vem!

O homem do cangaço teve um instante de receio. Como é que aquele mofino duma hora para outra ficara daquele jeito? Não se quis arriscar a uma luta no meio da vila, máxime naquela ocasião que já muita gente os bispava do renque de casas fronteiras.

Seguiu caminho, lançando um pretexto:

— Não brigo aqui, porque sou amigo do delegado e não quero que ele me prenda por te haver morto, boi ladrão! Mas nós nos encontraremos no mato. E aí te arranco os bofes e a forçura para a feijoada dos meus cachorros, filho de mãe de burro.

Quando as notícias da transformação súbita do Chico chegaram à venda, o Damião dizia, sorrindo, à sua roda:

---

<sup>26</sup> Cavalo pequeno, porém robusto.

— Eu não disse que um dia ele virava bicho?

O que é certo é que ninguém se atreveu mais a bulir com ele, que desfrutava a serenidade de uma paz bem merecida após tanto tempo de surras. Só o valentão não o esquecia e repetia o seu juramento de arrancar-lhe a forçura no dia em que o topasse no mato.

Era esse o eterno pesadelo do Chico. Evitava andar sozinho no campo. Temia que numa ocasião séria o amuleto lhe faltasse com o auxílio. Comprava armas. Tinha um verdadeiro arsenal. Andava com um rifle, uma pistola e uma faca feita pelos Fernandes do Crato, os ferreiros mais afamados do Ceará. Para ver se intimidava o Santa Fé fazia-lhe constar que o queria matar de murros e bofetes, tão pouco caso fazia de sua fama. O Chico já era um terror. O delegado evitava-o. O intendente preferia-o para os serviços municipais. Só o vendeiro ao lhe servir o copinho da branca tinha nos lábios o seu imutável sorriso.

Numa tarde clara e toda cheia do canto mavioso dos galos de campina, o Chico avistou na estrada deserta da Forquilha o vulto membrudo do Santa Fé. Veio-lhe um medo terrível, apesar da reza forte. Quase não podia andar. Despertara a covardia antiga, já tão esmaecida, apesar dos esforços para acreditar na virtude do feitiço. Cada passo mais o aproximava do outro. Chegara a sua última hora.

Crescia-lhe o medo, sacudindo-o todo em espasmos. Vieram-lhe soluços. Não, não lutaria. Atiraria fora as armas e de joelhos pediria perdão ao famanaz. Firmou-se nessa resolução. Sacudiu aos heranças todo o cangaço que conduzia e correu para o bandido.

À vista daquilo, o Santa Fé lembrou-se da estória que lhe contavam que o Chico queria matá-lo de arrocho, a braço. Não duvidou um momento de que ele cumpria a sua promessa. Despia-se valentemente das armas e avançava para trucidá-lo. Aterrorizou-se. Caiu de joelhos, balbuciando perdões.

Espantado, o Chico de novo sentiu voltar-lhe a confiança inteira no bentinho da família do Damião. Parou, estufou o peito e, estendendo o braço, ordenou:

— Apanhe minhas armas, seu cachorro!

Espalhou-se logo a nova daquela estrondosa vitória pelo povoado e o respeito que o caboclo infundiu foi completo. Nunca mais ninguém ousou ofendê-lo. Até o evitavam.

Ele é que ficou insuportável. Tornou-se briguento, desordeiro, não se fartando de vingar as injúrias antigas. Não havia samba a que fosse que não terminasse em pau; novena em que estivesse que não findasse em briga.

Todo mundo tinha medo dele.

Começaram muitos a culpar o Damião. Desconfiavam daquele sorriso que o não largava. Fora ele, o vendeiro levado do capeta, que dera qualquer meio de feitiçaria ao Chico de Paula para aquela extraordinária e misteriosa transformação, já de há muito por ele mesmo profetizada.

Avolumando-se os comentários deste teor e crescendo dia a dia a prosápia e a arrogância do Chico, o vendeiro assentou acabar com a sua valentia emprestada. Era só tomar-lhe o bentinho e assim se esvairia a força sugestiva do patuá, única autora daqueles estrupícios. Quando o caboclo se visse desamparado do seu feitiço, abrandaria logo. Ademais, era só ao vendeiro que ele respeitava. A mais ninguém ligava importância. Portanto, não era provável que se furtasse a restituir o que lhe fora entregue.

Num sábado à tarde, já ao lusco-fusco, cheia a tasca fumarenta, nela penetrou o Chico, de quirim<sup>27</sup> debaixo do braço e faca passada no cós da ceroula.

Então, diante de todo aquele povo, o Damião pediu-lhe o amuleto. Era uma tradição de família e, além disso, agora ele precisava dele.

Quase nada teve o Chico que obstar e, lento e triste, entregou-lhe o saquitel.

Com a maior calma deste mundo, o vendeiro pegou da faca de cortar sabão, rasgou as costuras do saco e mostrando à assistência uns fiapos de negras e duras cerdas, apregoou:

— Está aqui a oração forte que eu dei ao Chico para torná-lo valente!

Todos arregalaram os olhos curiosos. O Chico baixou a cabeça, acachapado.

— É a barba dum fulejo magro,<sup>28</sup> minha gente...

Uma grande gargalhada encheu a sala. Depois foram gritos, berros, guaiados. Caíram em cima do Chico, de pau e de punho. E o caboclo atirou-se de porta a fora em carreira desabrida, perseguido pela matula esquentada de cana, a brandir cacetes, numa assuada terrível:

— Armazém de pancadas! Tábua de bater roupa!

---

<sup>27</sup> Denominação sinonímica da madeira *frei-jorge*, ou *frei-jó*, muito empregada em marcenaria, por sua beleza e fortaleza. Por analogia, cacete, porrete.

<sup>28</sup> Bode (*Nota do Autor*).